

Jurupari e as leis do sol

RESUMO

A Lenda do Jurupari é considerada um dos textos literários ameríndios mais importantes da América latina nascido da tradição oral da língua indígena *nheengatu*. Por isso, este trabalho objetiva, principalmente, promover uma apresentação dessa narrativa ameríndia colombo-brasileira e uma possível contribuição para as pesquisas literárias referentes às culturas originárias e de gênero. Ademais, compreendemos que o conhecimento das literaturas ameríndias permite repensar os aspectos pós-coloniais que renovam os pensamentos e espaços acadêmicos e sociais. Com isso, entendemos a presença da estrutura patriarcal nas leis do Sol que pretendem reger as vidas das comunidades indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Crítica cultural. Literatura ameríndia.

Adriana de Oliveira Alves Corrêa
oacadriana@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora.
Minas Gerais, Brasil.

Diego Alejandro Gallego Guevara
diegothelos@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora.
Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Considera-se *A Carta* de Pero Vaz de Caminha como a certidão de nascimento do Brasil, além de ser usualmente retomada para compreender o processo de formação da literatura brasileira. A partir da ótica do colonizador ocidental, o primeiro contato entre portugueses e indígenas é descrito – característica pontual dos textos informativos escritos pelos viajantes – nesse documento endereçado ao rei Dom Manuel.

Uma das grandes diferenças entre essas culturas estava no modo como elas compartilhavam seus conhecimentos. Os indígenas utilizavam, e ainda utilizam, a oralidade como principal viés para circulação de saberes. Em contrapartida, os portugueses recorriam à escrita para transmitir informações. É notável que, na contemporaneidade, o prestígio da palavra escrita se manteve, sobretudo, como um meio de validação de uma determinada verdade.

A compilação e publicação de lendas de origem indígena ampliam o entendimento do processo conflituoso do encontro intercultural mencionado. Assim sendo, o proposto estudo sobre a *Lenda do Jurupari* (1998) pode trazer um impacto positivo no cenário acadêmico brasileiro ao possibilitar a ampliação e problematização do que é conhecido a respeito da pluralidade do universo cultural indígena brasileiro, muito embora a lenda seja de origem colombo-brasileira. Ademais, objetiva-se, no presente trabalho, somar aos conhecimentos e aos estudos já realizados a respeito das histórias étnicas deste país e à produção literária contemporânea indígena.

Com isso, interessa pontuar a importância de se desenvolver o contato com esse tipo de origem textual – como o objeto de análise deste artigo –, pois isso possibilita a reavaliação e a construção de novos saberes sobre a história brasileira e colombiana e sobre constituição identitária de ambas as nacionalidades e povos.

1. DE STRADELLI A JURUPARI

Aventurar-se ao Amazonas para interagir e decifrar uma cultura primitiva e, por muitos, desconhecida se torna um grande episódio para a vida de qualquer acadêmico. No Brasil, cuidados minuciosos foram tomados na pesquisa etnográfica e cultural de Ermanno Stradelli. No entanto, os pesquisadores brasileiros, em maioria, centram-se apenas em sua vida biográfica e não exploram a sua produção literária.

Antes de mencionar qualquer um dos qualificativos que as diferentes biografias atribuem¹ a Stradelli, deve-se reconhecer o pesquisador, antes de tudo, como um grande tradutor e escritor das civilizações originárias da Amazônia. Aos 27 anos de idade, Ermanno Stradelli² chegou ao Brasil seduzido pelo Amazonas, seu espírito explorador o induziu a investigar os povos indígenas e as diversas ciências que a selva amazônica conserva, logrando, desta maneira, importantes publicações em diferentes matérias. Os seus interesses pelos povos primeiros o levaram a conhecer a língua *nheéngatú*³, encontrando-se com a famosa *Lenda do Jurupari*.

A *Lenda do Jurupari* (1998) é uma das narrações mais importantes da literatura pré-colombiana que se tenha razão na América Amazônica. É atribuída às culturas indígenas dos Tukanos e das Tarianas do *Vaupés* colombo-brasileiro a origem da narrativa mítica, o que a converte num desafio em qualquer uma de suas fases – culturais, linguísticas, etnológicas, religiosas, sociais, antropológicas, etc. Além disso, devemos considerar que a primeira publicação conhecida foi escrita em italiano por Ermanno Stardelli⁴. Hector Orjuela (1982) manifesta que o manuscrito do indígena brasileiro Maximiliano José Roberto, quem compilou toda a versão oral do *Yuruparí* em *nheéngatú*, foi a base principal para levar a melhor término a realização completa da obra:

Las indagaciones poco a poco fueron clarificando algunas dudas. En primer lugar pudo determinarse la existencia del escritor Maximiliano José Roberto, quien resultó ser descendiente directo de jefes indígenas manaos y tarianas. Poseyó, al parecer, una extensa cultura y un profundo conocimiento de las costumbres y tradiciones de sus antepasados, como lo prueban las numerosas leyendas que recogió y la estimación que le tuvieron casi todos los científicos y antropólogos que visitaron la zona y que encontraban en él un experto guía y un fiel intérprete de los mitos y creencias indígenas. Después de recoger la leyenda de Yurupary, a través de relatos orales de muchos indios, y de transcribir los diferentes episodios en *nheéngatú*, su lengua nativa, entregó los manuscritos al conde Stradelli para que éste procediera a traducir el texto, prefiriendo confiarse en él, y no en el antropólogo João Barbosa Rodrigues que infructuosamente quiso hacer suya la leyenda (ORJUELA, 1982, p. 108 - 109).

Nos estudos de Hector Orjuela para a edição do *Instituto Caro e Cuervo* (1982) e a introdução de Cecília Caicedo no editorial Magistério (2006), corroboram que a primeira tradução da lenda para o espanhol foi realizada por Pastor Restrepo Lince, porém, não foi publicada⁵. Até então, buscamos uma publicação em português para *A Lenda do Jurupari*, porém não encontramos nenhuma. Com isso, as palavras de Orjuela ainda parecem ter validade “No existe, que se sepa, versión portuguesa de la traducción de Stradelli, por lo que corresponderá a la española difundir la leyenda en todo el ámbito del mundo ibero” (1982, p. 109).

É interessante que o texto seja reconhecido como literatura colombo-brasileira, pois a narração elucida uma concepção advinda principalmente de povos indígenas brasileiros, e muitas das palavras que encontramos no texto conservam sua etimologia do Tupi-Guarani. Contudo, atribui-se ao texto também a característica colombiana, porque o que se pode observar das posições geográficas da lenda – na grande maioria – pertencem ao território do *Vaupés* colombiano. Por tanto, o desenvolvimento espacial do relato é tão importante como a substância do mesmo para encontrar sua origem histórica e cultural.

Podemos considerar a *Lenda do Jurupari* uma das principais lendas indígenas do Amazonas colombo-brasileiro. Talvez a lenda seja mais colombiana do que brasileira ou, talvez, mais brasileira do que colombiana. É quase um truque de mágica tentar categorizar uma nacionalidade exata para o texto, pois os grupos originários não conheciam e nem levavam em suas mentes espaços fronteiriços.

Eles se reconheciam como povos ou famílias diferentes, mas a limitação territorial foi um evento de nossa colonização.

Com tudo isso, embora Stradelli conseguisse escrever muitos outros tratados, *A Lenda do Jurupari* pode ser considerada um dos seus estudos mais relevantes. Ademais, é um dos legados da literatura indígena mais importante, apresentando-nos um tratado da formação social dos povos ameríndios do *Vaupés* colombo-brasileiro, dos pensamentos e dos mitos ao redor da criação cultural de seus costumes.

No geral, *A Lenda do Jurupari*, apresenta as regras que regerão os povos indígenas – que serão mencionadas ao longo deste trabalho –, embora não sejam aceitas por todos os membros da comunidade – especificamente as mulheres – pois as excluem de toda prática ritual e cerimonial, onde os instrumentos e máscaras tem um valor divino.

Antes de detalhar os principais momentos do texto, é necessário deixar claro que quando se faz referência à palavra *mito*⁶, – que segundo o *Diccionario de la Real Academia Española (RAE)* – está se falando no sentido estrito do significado enciclopédico para oferecer esse caráter místico que as culturas aborígenes conservavam nos seus fatos religiosos e sociais. Por tanto, sempre se mencionará ao texto como uma Lenda para manter a fidelidade da tradução de Stradelli (*Leggenda - Lenda*) e sugiro que se entenda o conceito como uma sucessão de fatos naturais e sobrenaturais que não se lhe conhecem sua originalidade e que com o passar do tempo se lhe dá um valor de fatos.

2. JURUPARI: UMA LENDA INDÍGENA

A lenda apresenta o início das civilizações latinoamericanas. Uma grande epidemia que atacou os homens indígenas abre a efabulação da narrativa. As mulheres desconcertadas por verem de perto a extinção da raça, decidiram reunir-se no lago *Muyya* para buscar solução para esse problema sem pedir o consentimento do velho pajé como era de costume. Estavam todas debatendo a respeito do problema e, sem que nenhuma dessas indígenas notassem, o velho pajé surgiu entre elas com as seguintes palavras: “veo [...] que nunca podrá encontrarse sobre la tierra una mujer paciente, discreta y capaz de guardar un secreto” (STRADELLI, 1998, p. 21). As mulheres tentaram fugir, mas não conseguiram. O pajé entrou no lago para tomar banho com elas, fecundando cada uma sem que percebessem. A partir desse momento, foi excluída a participação das mulheres em qualquer evento importante da comunidade.

Todas as mulheres fecundadas deram à luz. Entre os recém-nascidos, tinha uma formosa menina que levou o nome de Seucy da terra por ser uma réplica de Seucy do céu⁷. Seucy da terra queria experimentar o *pihycan*⁸, fruta proibida para as mulheres virgens, porque motivava desejos íntimos. Seucy, na sua pureza, decidiu quebrar a regra e, ao comer o alimento clandestinamente, ficou grávida. Os líquidos frutais escorregaram pelo seu corpo até chegar em suas partes mais ocultas e desse fato nasceu um jovem formoso que foi chamado Jurupari:

La bella muchacha eligió las más hermosas y maduras, y habiéndolas amontonado frente a ella, comenzó a comerlas. Eran tan suculentas, que parte del jugo se le escurrió por entre los pechos, mojándole las partes más ocultas, sin que ella diera a esto la menor importancia [...] Pero sentía los miembros entorpecidos por una extraña sensación jamás experimentada hasta entonces.

Movida por un instinto natural, se examinó atentamente y se dio cuenta que su virginidad ya no existía y que en sus vísceras había algo desconocido. Avergonzada, no dijo nada a su madre, y mantuvo celosamente el secreto, hasta que el tiempo se encargó de hacer evidente su estado [...]

Después de diez lunas dio a luz un robusto niño que superaba en belleza a su madre; se parecía al Sol. Los tenuinas, apenas supieron del nacimiento del niño, lo proclamaron Tuixáua⁹ y le dieron el pomposo nombre de Yuruparí, es decir, engendrado de la fruta. (STRADELLI, 1998, p. 23).

As mulheres culpavam aos homens pela desapareção do formoso menino e na noite se escutava seu choro perto da árvore de *pihycan*. Todos se dedicaram à busca do pequeno indígena, porém, quando se aproximavam do local de onde vinham os ruídos, o pranto parava. No dia seguinte, ocorreu o mesmo, eles sondaram por entre as ramas e não o encontraram. Na terceira noite, posicionaram-se ao redor da árvore, mas o choro era tão aterrador que os espantaram e decidiram não o buscar mais.

Seucy não desistiu de encontrar seu filho, chorava todo dia no alto da montanha até adormecer. Um dia, ao acordar, percebeu que o leite de seu peito tinha desaparecido. Então, a jovem se propôs virar a noite para saber quem se alimentava de seu seio, mas o sono vencia. Passados dois anos, o choro desapareceu e já se ouviam vozes e risadas de crianças brincando. Jurupari crescia (embora invisível) e sua mãe envelhecia rapidamente.

Quinze anos depois Jurupari regressou convertido num formoso jovem, a aldeia se apressou para lhe dar todos os ornamentos do chefe. No entanto, ainda faltava a *Ita-Tuixáua* e ali começa sua grande travessia por difundir as leis do sol, onde reinará novamente o patriarcado, valendo-se de rituais, de músicas e de mitos para mostrar os novos mandatos que ordenaram os povos indígenas, as leis do Jurupari.

Jurupari, na sua árdua tarefa de difundir as leis do Sol, foi traído, admirado, aceito e desprezado. No entanto, antes de se ir da tribo para buscar uma mulher boa que cumprisse as leis ditadas, encontrou o amor numa linda jovem chamada Carumá. A moça foi convertida em montanha para que nenhum homem a olhasse e retornaria por ela quando sua missão na terra estivesse concluída:

Después de que Yuruparí y Caryda salieron con Carumá de la tierra de Naruna, se dirigieron rumbo al oriente, hacia las orillas de un río de aguas blancas, y allí se elavaron hasta tocar el cielo, dejando caer a Carumá desde arriba. A medida que el cuerpo de Carumá caía,

aumentaba de tamaño al aproximarse a la tierra, y cuando tocó tierra, se había transformado en una gran montaña [...]

Y Yuruparí habló así:

-Aquí queda la única mujer que pudo tenerme y en este lugar queda segura, escondida de la vista de los hombres.

Un día, cuando todo se haya consumido, vendré a buscarla para vivir con ella cerca de las raíces del cielo, donde quiero descansar de las fatigas de mi misión, lejos de los ojos de todo (STRADELLI, 1998, p. 111).

3. O QUE É JURUPARI?

Com tudo isso, fica uma pergunta fundamental e talvez a primeira que se deveria fazer no momento inicial do estudo sobre o texto: O que é Jurupari? Essa palavra tem várias acepções e, por essa razão, o texto está aberto para várias interpretações. O teórico Dick Edgar Ibarra, em *Cosmologia e mitologia indígena americana* (1997), manifesta que Jurupari é uma palavra de origem Tupi e que nas aldeias do Vaupés colombo-brasileiro, Jurupari se chama Izi:

Yurupary, con muchas variaciones en su nombre, es el héroe cultural de esas sociedades secretas. Sobre eso tenemos un buen mito o relato procedente de la tribu Arawak de los Tariana o Yauí, del río Uaupes, en la frontera de Brasil con Colombia. Aquí Yurupary se llama Izi, pues Yurupary es nombre de origen Tupí (sic) (p. 172).

Esse fragmento será corroborado por Lúcia Sá quando cita Paul Ehrenreich no seu texto *Literatura da floresta: textos amazônicos y cultura latinoamericana* (2012), pois há uma desmitificação da ideia que se tem sobre a palavra Jurupari no Brasil, que é relacionada a um demônio:

O uso constante de palavras da língua geral misturadas com termos da língua tariana ou de outros grupos do Uaupés causa muita confusão. O próprio nome Yuruparí criou muitos problemas, pois este personagem mítico nada tem a ver com o conhecido espírito da selva tupi a quem os missionários identificaram com o demônio. É, pelo contrário, um herói solar, o que já vem explicado no seu nome Izi, que significa sol em tukano (p. 249).

Contudo, etimologicamente, Lúcia Sá realiza uma concisa interpretação das várias designações que se tem dado a Jurupari:

Jurupari (ou Yurupary, Yuruparí) é um termo nheegatu cujo significado é ainda hoje debatido. Para Couto de Magalhães, queria dizer “tirado da boca” [...] Batista Caetano traduziu-o como “um ser que vem para nossa rede” [...] já Stardelli, cuja obra *vocabulários* define “juru” como “boca” como “uma grande que protege a boca do rio”, afirma ter ouvido de um índio que Jurupari significava “nascido da fruta”. Sendo uma palavra nheegatu, Jurupari é termo

estranho à maioria dos grupos da região e, por essa razão, muitos antropólogos fazem objeções ao seu uso (2012, p. 249).

A interpretação textual mais adequada que se pode dar à Jurupari – pelo menos neste trabalho – é justamente a de “nascido da fruta”, porque é exatamente o que aponta Stradelli no texto ou poderíamos concordar com a denominação dos Tucanos que significa Sol, pois sempre que o astro rei é citado na narrativa, é apresentado com caráter de deidade. Entretanto, com uma pesquisa minuciosa a partir de outros pontos de vista – sociológico, antropológico, social etc. – podem ser atribuídos outros significados.

É interessante observar como a cosmologia indígena tem um papel fundamental na interpretação do mundo ameríndio, por exemplo, quando o velho pajé encontra as mulheres no lago Muypa e diz: “No hace mucho que el Sol me recomendó en el sueño evitar que las mujeres se aproximasen de noche a las orillas del lago” (STRADELLI, 1998, p. 21). Dando início, desde as primeiras páginas da lenda, a um mundo mítico e místico, que valoriza a natureza e a considera como algo sagrado. Ademais, será recorrente observar a importância do Sol na apreciação do mundo, como quando nasce Jurupari: “...superaba en belleza a su madre, se parecía al Sol” (STRADELLI, 1998, p. 23), essa comparação entre o divino e o terreno será frequente ao longo de todo o texto. Um fator importante para ressaltar, é o sonho como visão do futuro ou mediadora da realidade. Isso, para os indígenas, era uma questão natural, que só poucos tinham capacidade e que vários textos da mitologia ameríndia como *La Araucana* (1569) o *El Popol Vuh* (1554) por mencionar só alguns, tem se manifestado especial atenção a esses momentos de “lucidez”.

Além disso, as fecundações das mulheres é um fato atípico desde qualquer raciocínio possível, a criação natural das civilizações indígenas contém tradições e mecanismos próprios da compreensão a respeito da criação do mundo. Segundo Hobsbawm “el objetivo y las características de las tradiciones, incluyendo la inventadas es la invariabilidad” (1983, p. 8) e isso, de certa forma, foi o que tentou fazer a lenda sobre Jurupari.

A posição patriarcal presente em *A Lenda do Jurupari* nos atuais momentos teria enormes implicações contra os direitos femininos, inclusive quem se aventurar a leitura minuciosa do texto, reconhece a luta e o descontentamento das mulheres da tribo com as leis do Jurupari. Independente de compartilharmos ou não dessa atitude patriarcal ou matriarcal, a narrativa possibilita o reconhecimento da cosmovisão e um outro povo e do seu modo de pensar e estar no mundo. Nesse caso, o estabelecimento de contato com os saberes dos indígenas que foram silenciados por uma colonização europeia – que agora contempla nossa organização sociocultural e religiosa –, não significa crer nas leis do Jurupari como os resquícios de nosso passado ameríndio, nem nos caminhos ancestrais da natureza, revela, senão, a tentativa de reconhecer e de valorizar as civilizações nativas, as raízes perdidas e os mitos emudecidos da Colômbia e do Brasil, costumes esses que os europeus invisibilizaram.

As leis de Jurupari, em si, são um ritual social com músicas e máscaras que buscam regulamentar o comportamento dos povos e exclui as mulheres de qualquer prática ritualística, deixando-as sem voz, submetidas a um patriarcado que carrega em si a palavra divina. No texto, sempre que se referencia ao Sol, é

uma intenção de motivo religioso, como a divindade e a irrefutável palavra de Deus.

CONCLUSÃO

Com isso, podemos compreender que *A Lenda do Jurupari* apresenta uma abordagem machista? Sim! A argumentação e o desenvolvimento da narrativa são centralizados na recuperação do poder dos homens. Enquanto isso, as mulheres – consideradas rebeldes na lenda – foram convertidas em pedra. Inclusive, as leis do Sol são cultuadas na comunidade em benefício dos homens e sob celebração estritamente masculina na Yurupari-Oca¹⁰, com música (flautas) e máscaras. Esse ritual tem como objetivo principal a civilização dos povos e a busca de uma boa mulher pelos homens. Jurupari, depois de apresentar os instrumentos e explicar o nome de cada um deles, expõe as leis do Sol:

Está prohibido que el *Tuixáua* de una tribu, que esté casado con una mujer estéril, siga viviendo con ella, sin tomar una o dos mujeres, según el caso, hasta tener sucesores.

Quien no quiera acceder a esto será sustituido por el más fuerte entre los guerreros de la tribu.

Que nadie trate de seducir a la mujer del otro bajo pena de muerte, la cual caerá tanto al hombre como a la mujer.

Que ninguna muchacha que haya llegado al momento de ser violada por la luna¹¹ conserve los cabellos enteros, bajo pena de no casarse hasta la edad de los cabellos blancos.

Cuando dé a luz la mujer, el esposo deberá ayunar por espacio de una luna para permitir que el hijo adquiera las fuerzas que el padre pierde.

Durante el tiempo de este ayuno el hombre deberá comer sólo sauba¹², cangrejos bejú¹³ y aji. Esto es lo que me quedaba por decir a propósito de las costumbres que deben regir a la familia; que cada una las haga conocer y observar en su propia casa (STRADELLI, 1998, p. 68-69).

Jurupari, além de seu caráter idiossincrático, é a representação do herói civilizador, o mediador do divino no plano terreno. Os mitos que circundam a lenda de seu nascimento são o mimetismo social que constroem a civilização, assim como se valeram grandes sociedades gregas, romanas e judaico cristãs de odes e dramas para educar os povos, *A Lenda do Jurupari* conseguiu sincretizar a vida indígena do Amazonas.

Contudo, além de qualquer apontamento conjuntural, deve-se levar em conta vários aspectos, a necessidade do divino num plano de construção social, o libidinoso, carnal ou passional como reconhecimento humano e a mediação política que controla o sistema. Esses mecanismos de poder tem uma função especial e específica, a de manter em equilíbrio um sistema dicotômico entre o bem e o mal.

Jurupari and the laws of the sun

ABSTRACT

The legend of Jurupari is considered one of the most important Amerindian literary texts of Latin America, born within the oral tradition of the nheengatu indigenous language. For this reason, this work focuses on the presentation of an Amerindian-Colombian-Brazilian narrative, providing a possible contribution to literary research concerning Aboriginal cultures, whether of gender or different ethnic groups. In addition, we understand that the knowledge of Amerindian literatures allows us to rethink the postcolonial aspects that renew the thoughts and academic and social spaces. With this, we try to point out the presence of the patriarchal structure in the laws of the Sun that, within its logic, intend to govern the lives of the indigenous communities.

KEYWORDS: Literature, cultural criticism, Amerindian literature.

NOTAS

¹ As biografias de Stradelli ressaltam seu trabalho de: biólogo, farmacêutico, escritor, geógrafo, fotógrafo, tradutor, botânico, homeopata e geólogo, dentre outros. Todos esses atributos são concedidos pelo seu contato com os povos aborígenes do Amazonas.

² Stardelli nasceu o 8 de dezembro de 1852 em Piazenza, Itália. Formou-se como advogado e viajou ao Brasil interessado pelo Amazonas, lugar onde desenvolveu grande parte de sua vida acadêmica e profissional. Depois de numerosas publicações literárias e científicas, morreu leproso no dia 24 de março de 1926, em Manaus, Brasil. Aqui se realiza só um pequeno esboço da vida de Stradelli para explicar como chega a *Lenda do Jurupari* a ser um relato nascido de uma tradição oral. Para realizar estudos biográficos sobre Ermanno Stradelli pode se ver: *Em memória de Stradelli* (2001), de Luís da Câmara Cascudo, e *A única vida possível: itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia* (2016), de Lívia Raponi (ORG).

³ É a língua geral da Amazônia entre alguns povos indígenas, ainda tem perto de 30.000 falantes ao redor do Rio negro e do Vaupés colombo-brasileiro.

⁴ La versión de Stradelli fue publicada inicialmente con el título *Leggenda dell'Jurupary* en el *Bollettino* de la Società Geográfica Italiana de Roma, en 1890 (Serie III, vol. III, págs. 659 - 689, 778-835)" (ORJUELA, 1982, p. 109).

⁵ "La versión de Pastor Restrepo Lince – que yo sepa – nunca se ha publicado, hecho que me sirvió de estímulo para abordar con todo interés el estudio del tema y para, en feliz circunstancia, obtener la colaboración de la señora Susana N. Salessi, alumna graduada de la Universidad de California, Irvine, quien se encargó de traducir el texto de Stradelli en una versión que, en lo posible, sigue fielmente el modelo italiano" (ORJUELA, 1968, p. 108).

⁶ Mito: Narración maravillosa situada fuera del tiempo histórico y protagonizada por personajes de carácter divino o heroico. Narração maravilhosa situada fora do tempo histórico e protagonizada por personagens de caráter divino ou heroico.

⁷ Seucy do céu foi a que promoveu a reunião das mulheres no lago Muypa, sobre a qual caiu todo o peso do castigo. Se lhe conhece também pela mística relação astronômica que tem com as estrelas plêiades que se localizam na constelação de Taurus com a que têm vinculo muitas outras culturas aborígenes de América como: Los Maias, Los astecas e Los Incas.

⁸ Não existe –em espanhol- nenhuma fruta que se chame pihycan, se infere que esse nome pode vir do pequiá (*Caryocar villosum*) já que é uma espécie própria da selva amazônica e o nome tem suas raízes no Tupi-Guarani "Pyqui", esta fruta tem a forma de uma noz (por essa razão também a chamam *Noz Souari*) e tem um agradável sabor doce.

⁹ Tucyhawa: Jefe, cacique.

¹⁰ Casa de pedra.

¹¹ Que tenha alcançado a puberdade.

¹² Pode ser a formiga conhecida no Brasil como Saúva. Na Colômbia essa espécie é chamada de Formigas Arrieras. Essas formigas são comestíveis em algumas regiões da Colômbia do Brasil.

¹³ Provavelmente seja o Beiju, uma massa feita de tapioca consumida em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Em memória de Stradelli**. Manaus: Editora Valer edições governo do estado, 2001.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Disponível em: <http://dle.rae.es/srv/fetch?id=PQM1Wus|PQMf1C3>. Acesso em: 16 mar. 2019.

HOBSBAWM, Eric. **La invención de la tradición**. Barcelona: Editorial Crítica, 1983.

IBARRA GRASSO, Dick Edgar. **Cosmogonía y mitología indígena americana**. Buenos Aires: Editorial Kier, 1997.

ORJUELA, Héctor. **Yurupary**: Epopeya indígena suramericana. THESAURUS. Tomo XXXVII. Núm. 1. Bogotá, 1982.

RAPONI, Livia (ORG). **A única vida possível**: itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia. São Paulo: UNESP, 2016.

SÁ, Lúcia. **Literatura da floresta**: textos amazônicos e cultura latino-americana. Eduaerj. Rio de Janeiro (Brasil), 2012.

STRADELLI, Ermanno. **La Leyenda de Yuruparí**. Compilador: CAICEDO JURADO, Cecilia. Bogotá: Editorial Esquilo, 2003.

_____. **La Leyenda de Yuruparí**. Compilador: SILVA VALLEJO, Fabio. Bogotá: Editorial Esquilo, 1998.

Recebido: 29 mai. 2019

Aprovado: 02 fev. 2021

DOI: 10.3895/rl.v23n41.10119

Como citar: CORRÊA, Adriana de Oliveira A.; GALLEGU GUEVARA, Diego Alejandro. Jurupari e as leis do sol. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 41 p. 74-85, jan/jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

